

O ENSINO DA LITERATURA AFRICANA: E OS POETAS NOVOS COM ISSO?

Tânia Lima¹

INTRODUÇÃO

A NECESSIDADE DA POESIA: A POESIA NOVA É UMA POESIA NOVA?

Que o caminho pareça difícil, ele não deve ser abandonado. Se qualquer um de nós for eliminado, dez outros devem tomar seu lugar. Essa é a marca genuína de nossa luta, e nem a censura nem a simples cumplicidade covarde pode impedir seu êxito.

[EDWARD W. SAID]

A necessidade da poesia talvez seja andar pela Zona Norte. O ensino de literatura Africana é antes uma reflexão sobre a literatura. Sem categorizar o que é branco ou negro, o que intencionamos neste artigo é dialogar com as diversas cores da nova literatura “riograndense” sem criar a roupagem do rótulo. Aqui, esquecemos a cor da pele e adentramos no discurso como rizoma identitário, símbolo do entre-lugar do discurso cultural. Sabemos é certo que há no poema uma necessidade que se volta para a eleição da palavra: *“Só pensando/sobre a vida/ essa coisa pouca, tão.../ que não dá/pra encher a boca de palavras que defina”*, como declamou uma vez o poeta Igor Barbosa. Linguagem aí é morada. A geografia da palavra aqui é cultura. Posso falar de Brasil, de África, da Palestina, olhando o mapa, mas se não tocar o coração da cultura, não temos como atingir as raízes cartográficas de um povo. Verbo tem que ter pensa para ter sabença. O verbo pega os delírios da lira, mas também da melancolia, A melancolia é um estado de poesia. Quem coloca delírio no verbo é o estado melancólico de ver o mundo. Sem isso não haveria transfiguração no campo das imagens. As imagens nascem desse estado adoecido de ver o mundo pelo avesso e não pelo direito. Por isso que o poeta prefere as margens tortas, o desengano, o inacabado. O que é desencanto para uns, na verdade, é encanto para outros. Palavra quando vira poema cria limbo, traduz uma espécie de “deliramentos semânticos”: *“Tudo/ na vida/ é muito/ pesado/ até pra ser leve/ tem/ que ter/ o peso do vento/ ao quadrado”* [Igor Barboa]. A poesia desse poeta “norteriograndense” é uma pequena leveza carregada de nudez humana. O poema é sugestão no campo do signo, instaura outros valores às necessidades. Talvez o mais luxuoso dos mundos: aquele que traduz questionamentos sobre os encontros e desencontros humanos. Quando imaginamos esta fala de Igor Barboa, pensamos o que dizem da geração dos poetas novos? A poesia nova é uma poesia nova? O que é novo no mundo? Talvez o ovo. O poema é o ovo do mundo, diz o óbvio, o que todo mundo viu, mas ninguém escreveu. Aí vem o poeta e transcreve um dizer, nomeia toda uma gênese, funda sentido onde não havia.

¹ Escreve poema, autora de vários livros de poesia, atualmente é professora da UFRN.

Vejamos o que nos diz esse outro poeta contemporâneo que se diz cantor, ator, bailarino, mentiroso:

Poema na Boca do Lobo

*náufrago confesso
afundo cada barco que navego
e nada me tange*

*choro o potengi
embriagado esgoto a dentro
só ratos me lambem*

(JOTA MOMBAÇA)

Agora uma questão se instaura no meio do poema: como se diz, por que se diz, sobre o que diz em uma época que lá atrás, durante o Romantismo de Hölderlin, pronunciava-se em tom pergunta: “Para que poeta em tempos indigentes? E o próprio Igor Barboa sem resposta ao tempo, desorienta a linha do poema: “*Estou farto de um futuro me presenteando/ E nem presente do passado chegam/ quando?*”

É certo que o papel do crítico é também ser ensaio para um ato filosófico. O poema e o ato filosófico mantêm diferenças entre si. Ambos são partículas de acesso ao ser. Complementam-se, coadunam-se em diferença e repetição em direção a um mesmo rio que atravessa ‘as margens’ para acompanhar o leito do ser humano. Em função do devir, a poesia sugere um recado de amor ao ser, conseqüentemente à ciência, à percepção, ao imaginário, à sensação. Tanto na poesia quanto na filosofia o caminho é de transformação a partir do ato de anunciar o sono do mundo. A fala da ciência filosofa sobre hipóteses enquanto a voz do poeta nomeia o talvez. O poema por ser irrupção é consciência de solidão. O instante de solidão no poeta faz nascer um instante de reflexão no ato filosófico. Poema e filosofia trazem dois caminhos para se conhecerem, para se adentrar a casa do ser, asa do ente: finitude e solidão. Para falar como filósofo, o poeta requisita a realidade com um tipo de intimidade para lá de filosófica. A poética filosófica do poema nasce pela melancolia e Morre em um mundo excedente de espetáculos. Há duas verdades no mundo. Aquela com aparência de verdade e aquela que se instaura como verdade inventada. A primeira é falsificada enquanto realidade; um bom exemplo disso no mundo é a verdade falsificada pela classe política; a segunda é pertencimento de si mesmo, é arte. Acredito que é preciso ter o dom de adivinhar as coisas. Nem tudo é para ser comprovado, comparado, comprado. O poeta não nasceu para ser enfeite, o poema não é pano de fundo. É talvez o pano de prato do saber.

No *entre-atos* de uma peça, um fragmento de Chacon, em tom de libélula, des-

cortina o tecido do verbo e faz entender que o signo é social, até mesmo quando a escrita da mulher se anuncia. O verbo que, por muitos séculos foi sentenciado ao silêncio, apresenta-se investigativo de seu lugar no mundo:

Desejo saudade-águas-escuras às seis da tarde sem que eu tenha de confrontar comigo anoitecer solstício criar imensidões do ínfimo como forma de salvação precisa: bordando uma asa de libélula uma asa preta de biguá escamas de peixe urdiduras com salamandras; dói observar existências e não falo de saudade angustiada – que essa é a que o criador sente pelos primeiros seres da criação. Falo de uma falta que é mais sortilégio, ininteligível a ponto de eu escrever lenta como uma aranha tecendo. Eu que não escrevo, teço. E gosto da casa toda silenciosa (CHACON)

Sem justificativas, aos olhos da crítica literária, também repensamos o lugar da linguagem da prosa-poética no mundo científico atual. Ciência e Poesia carregam ‘afinidades eletivas’; são amantes. Os eixos da poesia são princípios inversos aos da filosofia. Preferimos os fragmentos à maneira Pré-socrática. Somos mais Heraclitiana que evidenciamos nessa teia da vida onde tudo parece coberto de água. Não atravessamos duas vezes um mesmo rio, nem a mesma travessia. Esta travessia é, sim, um breve recorte sobre a teia da vida. Uma teia que se entende a outras teias, outros rizomas. Uma colcha de retalho que expande a compreensão do poema à palavra diversidade, daí como não lembrar aqui do escritor e teórico da Martinica Édouard Glissant; mas também ampliamos o tecido discursivo em sintonia com as lições de Silvano Santiago e Renato Ortiz.

Em meio a todo esse apanhado teórico, observa-se que o poeta não é o que ganha, também não é o que perde, mas o que se apega a viver plenamente de poesia. Lembramos a fala do professor Lourival Holanda, em uma aula vespertina, movida a diálogos, paixão, literatura: “Quem tem certeza é a ciência; a Literatura não”. Sobre a necessidade da poesia não temos certeza a oferecer a ninguém, muito menos escolas a destacar, não temos desconfianças da palavra poética, ela sempre saberá o mapa do caminho que é o desvio, o atalho, jamais a avenida principal.

Alguns poemas são fundadores para se pensar o lugar da descolonização do mundo, vieram para abrir o que foi reprimido, destruído, em nome do preconceito: que tem sempre esse recado por trás do que veio silenciar: excluir a fala do outro, como suscita Édouard Glissant em sua ‘poética da diversidade’. A poesia é aquela que se doa através de palavra; ao se doar repensa nosso papel no mundo. O que podemos oferecer para melhorar um pouco a face do mundo, se não mexermos com o imaginário estabelecido? Se não repensarmos o valor das reticências, como iremos melhorar a cara do futuro? Se faltar a memórias das palavras, como construiremos estórias? Nossa experiência, como teóricos de literatura, parte de hipóteses, ou seja, ‘dos grilos’, das dúvidas. Entendemos que as dúvidas e dívidas, as *críticas e clínicas*, aqui são bem-vindas. “*O Drummond falou que tinha uma pedra no meio do caminho é crack*”, assim dizia o poeta Jota Mombaça, que tece uma desleitura ao poema mais popular do poeta mineiro. Se Drummond estivesse vivo, talvez viesse até aqui apertar a mão da poesia desse poeta “riograndense”, que se diz: *cantor, ator, bailarino e mentiroso*.

Os poetas costumam dizer que: “O ato do poema é um ato íntimo e solitário que se passa sem testemunha”. Frente ao poema-mundo, “quase tudo que é grave é difícil; e tudo é grave” [RILKE, 1997:57]. O poeta descreve a condição dos que se arrastam sem ter sequer o que procurar, catando papelão sem nada encontrar, abafados pela desordem

da “magra cidade de rolha, / onde homens ossudos/ onde pontes, sobrados ossudos/ (vão todos/ vestidos de brim)/ secam até sua mais funda caliça” [MELO NETO, 1994:109].

Vejam os o que diz um fragmento com a cara dessa nova poesia “riograndense”, o poeta novista ao declamar, exalta, funda a gramática clássica da língua “trobadora”. A província que se faz língua galega- provençal à beira do século XXI. O tom de repente vem misturado a um eco grafiteiro, toada de hip hop, na mistura sincrética de uma cultura para lá de híbrida:

Diálogo de Maria ou lemniscata

– PUTA QUE PARIU! Isso é uma merda mesmo. A gente trabaia no sol quente que nem uns fresco, pra vim uns filho da puta desse e robá a gente. E agora? E agora! rummm!?! Eu num me queixo nem di andá de volta, já ando muito mermo, por aqui e por todo lugar, todo dia. Pelo menos num tô ca’quele carrinho pesado, nem me isguelando por aí. Oia, oi cumade! mar mulé num robaru meu carrinho de augua de côco. (cospe). Minutinho e puft! Omi Sumiu! Levaru! Brigado. Valeu! vô dá um tempo ali. Nossa! tá muito vazio aqui. Esse sol, esse sol, essa água, vai e vem das água. (bebe um gole de cachaça “Triunfo”) Mí-niiiinnnn-nuuu! é arêa demais om. Bom é ser arêa. Fica ae o tempo todo, todo o tempo do mundo passando nas arêa. O ruim é que a gente é pisado demais. (Rir). Intão, bom é ser arêa que om num pisa: arêa que o vento leva leve no tempo, (ela imagina uma ampulheta em formato de lemniscata descendo as areias do tempo sem que essas areias revele algum destino, ficando invisível e reaparecendo na parte superior novamente) isso é muito bom. Esses grão de arêa parece cum o céu de di Dinoite: brilhoso todo de tão istrelado qui é, desse geitinho qui tô vendo agora, aqui nas arêa do chão. As arêa qui brilha no chão é como as estrela qui brilha no céu. Disseru que brilha mesmo sem nós vê, fica ae nesse mundo delas chei de segredu com se fosse gente. E se gente fosse arêa? Cada um era um grão? (imagina a mesma cenada ampulheta, no entanto a velocidade é tão rápida que a areia logo acaba) éééé meerrrr-mo. A gente é piqueno demais prá Ser arêa, porque um grão é igual a uma parte do canto que o mundo tá, a praia ia ser do tamanho que o mundo é mais o tamanho do mundo com o resto de arêa que fica com o resto do mundo fora da praia e di baixo do mar, das casa ficando igual ao

– Maria! Maria! MariIIiaaaa! Cadê tu mule? eu troce teu carrinho, tu dexô de bobera, táis adoidanda é?

(RODRIGO VIOLEIRO)

Poesia é “um modo de conhecimento”, como observa Ortega y Gasset [1973: 119]. A poesia sobrevive, não de informações, mas nasce, talvez, da ação que se manifesta da alma. Poesia é mais antiga que a prosa. Jorge Luís Borges [2002:7] é quem acrescenta com lucidez: “parece que o homem canta antes de falar”. O poeta quando canta, mesmo sem saber, sugere o social da alma. Sobre as asas da imaginação, há coisas que são intocáveis na ação do dizer, porque, em verdade, poesia é a primeira ação do dizer. Na origem do dizer, a poesia renasce. O poema não tem existência no real. Quando a obra nasce, a maneira de vê do poeta ‘trans-forma’ a norma. Se olharmos a palavra estética dentro tem a palavra ética, conteúdo e forma se fundem. A arte do dizer está intencionada com a poesia por ser a arte de nomear as coisas sagradas. O dizer é filosófico, mas o nomear comanda cada palavra a ser dita. O dizer pode esperar um pouco, mas o nomear é ação urgente. A filosofia é casa de poesia. Poemar é filosofar. Parmênides, a exemplo, foi um dos primeiros filósofos a expor suas idéias filosóficas em versos. Sem filosofia o poema é incompleto; sem poesia o filósofo é inacabado. *A filosofia é a teoria da poesia*, pegando aqui Schlegel. Atrás da ação do poema, mora o poeta amigo da *phýsis*. A poesia começa onde pára o filósofo. “O que o

verso é aqui para o poeta é para o filósofo o pensar dialético” [NIETZSCHE, 1974: 41]. É na arte que o filósofo encontra-se com a dúbia reflexão da existência. A arte é um tipo de citação primordial para o filósofo. Nos poemas, estão os achados verbais da filosofia. “A citação é uma das mais antigas artes judaicas” [SELIGMANN-SILVA, 1999: 202].

Se olharmos bem para poeta, encontraremos a sombra do filosófico e vice-versa: “A peça de teatro não foi um meio eficaz que Sartre encontrou para explicar pontos teóricos de sua filosofia?” [SANTIAGO, 1989: 31]. Sem poesia não há teoria. Um poeta não é apenas sensação e raciocínio, mas luz do imaginário: “O devaneio poético é devaneio cósmico” [BACHELARD, 2006: 13]. Na hora do processo criativo, o poema exige muito da teoria. “Tudo o que a filosofia pode esperar é tornar a poesia e a ciência complementares, uni-las como dois contrários bem-feitos” [BACHELARD, 1999:2]. Na hora H, na hora da bomba explodir, o poeta está à procura do que faz parte de sua humanidade enquanto comunidade com outros povos. Um poeta convida à inclusão social mesmo falando de pedras. Aleijadinho trabalhava em pedras como se fossem papiros de Deus. Toda oração é um poema. Na Índia, os códigos sagrados, ‘Os Dharmasutras’, são escritos em versos. Muitas vezes, a escritura é para um escritor a própria salvação da existência. Escrever, para o cantor de poemas, é exercício de existir e de resistência, pois escrever poesia é tornar o imaginário o devaneio do poeta. Quando pensamos na palavra canto, lembramos do anima que é a memória do mundo imaginado. Pela canção, o poema é metáfora de si mesmo.

“Penso que podemos escrever poemas que são ensaios, ensaios que são romances, romances que são poemas” [GLISSANT, 2005:146]. Percebemos que há muito das ideias de Glissant em sua introdução à poética da diversidade nas teias da física quântica de Fritjof Capra. “Não temos o direito de fazer qualquer coisa com as palavras, mas devemos nos servir dela com amor e respeito” [ZUMTHOR, 2005:57]. Devemos lutar humanamente com erros e acertos por um mundo melhor. “Não se espere coisa maior. Dou o que tenho; que outros capazes de fazer mais, façam o seu mais, como eu faço o meu menos” [ORTEGA y GASSET, 1973: 76].

“Hoje a poesia não pode ser destruição e sim busca de sentido” [PAZ, 1982: 345]. Precisamos da teia humana para conviver em um mundo com mais espírito de coletividade. O que será desse mundo, ecologicamente, se não aprendermos a conviver em teia com uma visão mais holística e mais fraterna de civilização? Não temos respostas prontas. “Não há comportas/ nem caminhos/ não há saaras/ nem vienas/ em tudo há rinhas/ e arestas/ de flores/ e esquifes” [MARANHÃO, 2002:31]. A humanidade deve criar suas próprias respostas, mas sem as tutelas do poder opressor e dizimador.

Pobre Futuro

*O verso arrogante quer roubar a minha história
é demasiado curto e por demais pedante
não tem nada de novo além da novidade
não brilha como o sol que é infinito*

*precisa virar as luzes para si
sublinhar suas cadências, demências e carências
muito agrada à história o repetido
muito agrada ao verso repetir-se
lamento ter que vê-los vindo de costas
rumo ao lugar de onde eu, vivo, fugindo*

mal sabe ele como me é preciosa

*e como suas mascaram ferem minha face
mas se o dito verso roubar mesmo minha historia
sigam juntas as algemas*

minha mão é livre, a ela sempre apetece transgredir

(SOL DAS OLIVEIRAS LEÃO)

Na idéia-fragmento do poeta americano Cummings, texto e território dizem quase a mesma coisa. A pátria ilimitada de todo poeta é ele próprio. Quando um poeta falsifica seu país de origem comete a pior das heresias, pois comete um suicídio com a palavra e consigo mesmo. Todo ser humano sincero consigo mesmo torna-se um poeta imortal. E conclui Cummings: O artista é um bárbaro, pois todas as bombas atômicas de todos os antiartistas jamais poderão civilizar a imortalidade.

“A linguagem falada está mais próxima da poesia que da prosa” [PAZ, 1982: 25]. Escutar o contador é ouvir o canto ancestral da voz sincrética do idioma popular. “O idioma não é obra dos sábios, mas dos pescadores” [Borges, 2002: 117].

No livro ‘Cultura e política’, E. Said [2003:34] analisa:

Responder à pergunta de por que é que os indivíduos e grupos preferem escrever e falar no lugar do silêncio equivale a especificar com o que os escritores e intelectuais se confrontam na esfera pública. A existência de indivíduos ou grupos em busca de justiça social e igualdade econômica – e que entendem, na formulação de Amartya Sen, que a liberdade deve incluir o direito a uma larga gama de escolhas que tragam o desenvolvimento cultural, político, intelectual e econômico – de fato leva a um desejo de articulação e não de silêncio.

Para Edward Said [2003:121], devemos culpar a nós mesmos, acima de tudo, porque nem nossas lideranças políticas nem nossos intelectuais muito menos o meio artístico parecem ter percebido de que até mesmo um levante “anticolonial corajoso não pode se explicar sozinho e o que nós e outros (árabes) consideramos como nosso direito de resistência pode ser apresentado pela máquina de propaganda Israel como terrorismo ou violência sem princípios”.

Saber falar é saber que sabemos. Falar é um saber que exige sabores. E sabemos que quando sabemos podemos comungar a intimidade do humano em nós. Falar de fato é agir socialmente. “Adorno ao dizer, como eu também o faria, que uma das marcas que distinguem a modernidade está em como, num nível profundo, a estética e o social devem ser mantidos num estado de tensão irreconciliáveis”, assim falava Said [2003:30].

Falar traz sempre conseqüências quando se está contra o estabelecido. Calar não faz o eco criar alteridade. “E quando há voz, / é a cicatriz que canta” [MARANHÃO, 2002:34]. Calar é estar doente dos olhos, do ouvido e da boca. “Falar é existir de modo absoluto para o outro” [FANON,1983:17].

Sabemos que a obra mais fértil que se possa fazer para si mesmo e para os demais humanos não é tanto contribuir para a alteração do mundo, como diz Ortega y Gasset [1973: 73-74], mas aproveitar para fazer da vida uma poesia. Talvez o mais importante é fazer o que os outros agora não podem: ensimesmar-se um pouco. Ensimesmar não é individualizar-se, mas autoconhecer-se. Criar relações. Saber doar. Pois se agora, ali

onde é possível, não se criar um tesouro de novos projetos humanos – isto é, de idéias, – pouco podemos confiar no futuro. “Essa abertura é por sua vez solidária da capacidade humana de maravilhar-se, de encantar-se, de acolher a presença do extraordinário no ordinário” [UNGER, 2001: 71].

A humanidade deve criar suas próprias respostas, mas sem as tutelas do poder opressor e dizimador. “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra no meio entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*” [DELEUZE; GUATTARI, 2004: 37].

A falta de alternativas que atinge a vida e seu mistério é um dos sinais de que o tempo vive seu momento de embrutecimento. Desacreditados de ação solidária, buscase alternativa para os impasses atuais, mas vem sempre à tona uma questão de teor humanitário que bate na mesma tecla: como acalentaremos os seres humanos a investirem em uma relação mais saudável consigo mesmo, com os outros e consequentemente com o mundo.

A crise que atravessa o planeta Terra é uma crise que não é somente de perspectiva, mas de caráter ambiental, social, ético, moral, político, econômico, filosófico. É uma crise mais ampla que não se encontra nomenclatura, pois envolve praticamente as relações humanas em um grau profundo de suas necessidades orgânicas trazendo como consequências o processo de desumanização. “Assim, foi perturbada a simplicidade destas necessidades orgânicas, assim, foram desvirtuadas todas as funções simples e profundas pelas quais a existência se renova” [RILKE, 1997:58].

Referência Bibliográfica

ABDALLA JUNIOR, Benjamim. *Literatura, História e Política. Literaturas de língua portuguesa no Século XX*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

AHMAD, Aijaz. *Linhagens do Presente*. São Paulo: Boitempo, 2002.

BORGES, Jorge Luis. *Esse ofício do verso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Curso de literatura inglesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2002

CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. São Paulo: Papyrus, 2000.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Crítica e clínica*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2004a.

_____. *Mil platôs: capitalismo esquizofrenia*. Vol.1. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004b.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução Adriano Caldas. Rio de Janeiro: Fator, 1983.

GLISSANT, E. *Introdução à poética da diversidade*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro:

DP&A, 1998.

LIMA, Tânia. *Pedra do sol*. Fortaleza: Edição do autor, 1996.

_____. *Pérgula literária* (coletânea). Rio de Janeiro: Sesc, 1997.

_____. *Livro do abrigo*. Fortaleza: Mangue & Letras, 2000.

_____. *A bela estrangeira*. São Paulo: Cone Sul, 2001.

_____. *Brenhas – um poema dos mangues*. Fortaleza: Mangue & Letras, 2003.

MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*: volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MIGNOLO, Walter de. *Histórias locais, projetos globais. Colonialidade. Saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. *Novas Reflexões sobre a ideia de América Latina: opção descolonial*. Caderno CRH, Salvador, v.21, n 53, pág 239-252, maio/agosto, 2008a.

_____. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. Caderno Letras. UFF. Dossiê Literatra, Linguagem, Identidade, n34, p. 287- 324, 2008b.

NIETZSCHE, F. *Obras completas – coleção os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

NOVALIS. Fragmentos Logológicos. In: LOBO, Luíza, (org.) *Teorias Poéticas do Romantismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, pág. 73-90.

ORTEGA Y GASSET, José. *O homem e a gente* (intercomunicação humana). Livro Ibero-Americano, LTDA: Rio de Janeiro, 1973.

ORTIZ, Renato. *Mundialização da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAES, José Paulo. Mistério em casa. In: Augusto Massi (org.) *Poesia completa de Raul Bopp*. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: EDUSP, 1998, pág. 61-65.

_____. Iararana ou o modernismo visto do quintal. In: COSTA, Sósigenes. *Poesia completa*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, Conselho Estadual de Cultural, 2001, pág. 399-422.

PAZ, Octavio. *Signo em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

_____. *Outra voz*. São Paulo: Siciliano, 1993.

_____. *A dupla chama*. São Paulo: Siciliano, 1994.

_____. *Vislumbres da Índia*. São Paulo: Mandarim, 1996.

RILKE, Raine Maria. *Alguns poemas e cartas a um jovem poeta*. Rio de Janeiro:

Ediouro, 1997.

SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Uma Literatura dos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. *O cosmopolitismo do pobre - crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Ler o livro do mundo: Walter Benjamim: romantismo e crítica literária*. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Bauru, São Paulo: Edusp, 1999.

SHELLEY. Defesa da poesia. In: LOBO, Luíza (org.) *Teorias Poéticas do Romantismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, pág. 220-244

UNGER, Nancy Mangabeira. *Da foz à nascente: o recado do rio*. São Paulo: Cortez, Campinas: Unicamp, 2001.

ZUMTHOR, Paul. *Escritura e nomadismo: entrevistas e ensaios*. Tradução Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Ateliê, 2005.

Bibliografia Complementar

MEMMI, Albert. **Retrato do Colonizado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

ORTIZ, Renato Ortiz, **Cultura Brasileira e identidade Nacional**, Rio de Janeiro: E.Brasiense, 2005.

_____. **Retrato do descolonizado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira

RAMA, Angel. **Transculturacion, narrativa em América Latina**. México: XXI Editores, 1987.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Para um novo senso comum. Crítica da razão indolente, contra o desperdício**. São Paulo: Cortez, 2002.

SALGUEIRO, Wilberth Clayton Ferreira. **Forças e formas: aspectos da poesia brasileira contemporânea (dos anos 70 aos 90)**. Vitória: EDUFES, 2002.

SHOHAT, Ella. **Crítica da imagem eurocêntrica**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SONTANG, Susan. **Ao mesmo tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.